

ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO NOS TEXTOS DIDÁTICOS

BISPO, Márcia Rejane Góis.
marc_gois@hotmail.com

LISBOA, Ana Angélica Anjos.
angell_lisboa@hotmail.com

PRADO, Tânia da Silva.
tanciasprado@hotmail.com

GALLY, Christianne de Menezes.(orientadora)
Graduada em Letras e Mestre em História da Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Professora adjunto III do curso de Letras-Português da Universidade Tiradentes – Unit, revisora da Universidade Aberta do Brasil/MEC e coordenadora do Grupo de Pesquisa de Estudos Lingüísticos em Sergipe/UNIT.
christianne.gally@gmail.com

RESUMO

A referenciação é uma atividade discursiva que consiste na construção e reconstrução de objetos-de-discurso caracterizada pela retomada de elementos no texto. Este artigo analisa a referenciação realizada por meio de uso de expressões pronominais, adverbiais, sinônimos etc. Sob o ponto de vista da lingüística textual, relacionamos expressões referenciais que possuem um papel significativo na manutenção da coesão do texto, permitindo ao leitor/ouvinte estabelecer as relações entre os diferentes elementos já apresentados.

PALAVRAS-CHAVE: Referência Textual, Coesão, Lingüística Textual.

INTRODUÇÃO

O artigo apresentado a seguir faz parte do projeto de conclusão de curso intitulado “A progressão referencial nos textos dos livros didáticos de Produção de Texto do ensino fundamental”. O estudo está vinculado ao projeto de Produção de Texto para as séries do ensino fundamental do Brasil. Este trabalho tem como objetivo examinar como ocorrem os processos de progressão referencial através da utilização de pronomes, advérbios e sinônimos, identificar se há ou não um padrão no uso das formas pronominais e outros para manter a progressão referencial nos textos dos livros didáticos de produção de texto do ensino fundamental. Como embasamento teórico, apoiamo-nos na perspectiva teórica da lingüística textual. Utilizaremos os processos de coesão referencial de base gramatical, discutidos por Koch (2004).

1.REFERENCIAÇÃO

A referenciação é uma atividade discursiva que consiste na construção e reconstrução de objetos-de-discurso caracterizado pela retomada de elementos no texto.

Propõe na construção de um modelo textual, onde estão envolvidas, enquanto operações básicas, os seguintes princípios de referenciação. 1. Ativação: pelo qual um referente textual até então não mencionado é introduzido, passando a preencher um nóculo (“endereço” cognitivo, locação) na rede conceptual do modelo de um mundo textual: a expressão lingüística que o “representa” permanece em foco na memória de curto termo, de tal forma que o referente fica saliente no modelo; 2. Reativação: um nóculo já introduzido é novamente ativado na memória de curto termo, por meio de uma forma referencial, de modo que o referente textual permanece saliente (o nóculo continua em foco); 3. De-Ativação: ativação de um nóculo, deslocando-se a atenção para um outro referente textual e desativando-se, assim, o referente que estava em foco anteriormente. Embora fora de foco, porém, este continua a ter um endereço cognitivo (locação) no modelo textual, podendo a qualquer momento ser novamente ativado. Seu estatuto no modelo textual é de inferível. (cf. Prince, 1981)

Pela repetição crítica de tais procedimentos, estabiliza-se, por um lado, o modelo textual; por outro lado, porém, ele é continuamente elaborado e modificado por meio de novas referências (Schwarz, 2001). “Endereços” ou locações cognitivas já existentes podem ser constantemente modificadas ou expandidos, desta forma, durante o processo de compreensão, desdobra-se uma unidade de representação extremamente complexa pelo acréscimo sucessivo e intermitente de novas informações e/ou avaliações acerca do referente.

Conforme se postulou em Koch & Marcuschi (1998), cumpre, também, estabelecer distinção entre categorias como referir, remeter e retomar, que frequentemente são vistas como idênticas, empregando-se os três termos como sinônimos. Trata-se de algo essencialmente diverso, podendo-se estabelecer a seguinte relação de subordinação hierárquica entre os três termos: A retomada implica remissão e referência; A remissão implica referência e não necessariamente retomada; A referência não implica remissão pontualizada nem retomada. Portanto, sendo a referência um caso geral de operação dos elementos designadores, todos os casos de progressão referencial são baseados em algum tipo de referência, não importando se são os mesmos elementos que recorrem ou não.

Segundo Blikstein (apud Koch, 2004), a realidade é um produto da nossa percepção cultural, ou seja, concebemos o objeto a partir de nossas práticas culturais que condicionam a maneira como percebemos esses objetos, o que é reforçado pela linguagem.

Sendo assim, o referente se constitui em um objeto que faz da nossa percepção mental, que é influenciada pela unidade cultural na qual estamos inseridos. Desta maneira, os referentes são criados e podem intermediar o evento lingüístico, já que “é na dimensão da percepção-cognição que se fabricam os referentes.” (Koch, 2004).

Os eventos discursivos estão sob o controle do sujeito social que os mobilizam através de suas visões de mundo. Esses aspectos estão ligados aos processos de categorização e recategorização que podem ocorrer a partir de expressões de ordem gramatical e lexical. A maneira como percebemos o mundo não o retrata fielmente: Vós elaborais os dados e fatos os quais apreendemos para fins de compreensão. Essa

reelaboração ocorre essencialmente no discurso, porém não se dá de forma isolada está imbuída de restrições que são impostas pelas condições culturais, históricas, sociais e pelas condições de elaboração decorrentes do uso da língua. (cf. KOCH e MARCUSCHI apud KOCH, 2004).

Na elaboração da atividade discursiva consistente na construção e reconstrução, ocorre na sua produção, um objeto mencionado que ganha relevância no decorrer do texto.

1.1. ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO

As estratégias de referenciação constituem, em:

Introdução (construção): Um “objeto” até então mencionado é introduzido no texto, de modo que a expressão lingüística que o representa é posta em foco, ficando esse “objeto” saliente no modelo textual.

Retomada (manutenção): É um “objeto” já presente no texto, é reativado por meio de uma forma referencial de modo que o objeto de discurso permaneça em foco.

Desfocalização: Quando um novo objeto de discurso é introduzido, passando a ocupar a posição focal. O objeto retirado de foco, contudo, permanece em estado de ativação parcial, ou seja, ele continua disponível para utilização imediata sempre que necessário.

Vejamos no exemplo da utilização dessas estratégias no texto a seguir:

Porto

Ana Maria Braga vai se desfazer de dois de seus três barcos.

A apresentadora está procurando comprador para as lanchas **Âmbar I**, de 47 pés, e **Âmbar II**, de 52 pés. **Ela** pretende ficar apenas com **Shambhala**, o trawler de 85 pés que inclui até TV de tela plana na sala de estar. Lanchas com essas dimensões custam entre R\$ 450 mil e R\$ 600 mil.

Dessa maneira, referentes já existentes podem ser, a qualquer momento, modificados ou expandidos, de modo que, durante o processo de compreensão, vai se criando na memória do leitor ou do ouvinte uma representação extremamente complexa pelo acréscimo dessas novas categorizações.

Percebe-se no exemplo abaixo, como são utilizado essas estratégias no texto.

(1) Perdi a maleta cheia de nuvens e de flores maleta onde **eu** carregava **todos** os **meus** amores embrulhados em neblina. Perdi **essa** maleta em **alguma** esquina de **algum** sonho e desde então **eu** ando tristonho sem saber onde pôr as mãos. Se andando pelas ruas **você** encontrar a tal maleta por favor **me** avise em pensamento que eu largo **tudo** e vou correndo... [6ª série] (VIEIRA, Maria das Graças, 2007. p. 94).

Podemos ver a maneira como a referenciação é realizada com os pronomes no texto acima: eu, pessoal reto; meus: possessivo; essa: demonstrativo; alguma, algum, todos, tudo: indefinidos; você: pessoal de tratamento; me: pessoal oblíquo.

Dessa maneira, referentes já existentes podem ser a qualquer momento, modificados ou expandidos, de modo que, durante o processo de compreensão, vão-se criando na memória do leitor ou do ouvinte uma representação extremamente complexa, pelo acréscimo sucessivo de novas categorizações e/ou avaliações acerca do referente.

Temos dois tipos de formas de introdução de referentes no modelo textual, são eles os processos de introdução de referentes textuais que para designá-los, pode-se recorrer os termos ativação “ancorada” e “não-ancorada”.

A introdução será não-ancorada quando um objeto de discurso totalmente novo é introduzido no texto, quando representado por uma expressão nominal, esta opera uma primeira categorização do referente ocorrerá uma ativação “ancorada” sempre que o novo objeto de discurso for introduzido no texto, com base em algum tipo de associação com elementos já presente no co-texto ou no contexto sociocognitivo.

(2) “Talvez você já conheça seus colegas de classe e saia o nome **deles**. Com o passar do tempo, você vai aprender muitas outras coisas sobre **eles**, sobre você e seu corpo, sobre sua casa e sua escola.” [1ª série] (VESENTINI, Martins, Pécora, 2004, p.8).

(3) “Mas afinal, o que é um município? O que você sabe sobre o município onde vive? Já visitou outros municípios brasileiros? Neste bloco de atividades você vai encontrar a resposta a **estas** e a outras **perguntas**.” [3ª série] (VESENTINI, Martins, Pécora, 2004, p.10).

Na referenciação podemos encontrar as anáforas, um mecanismo lingüístico por meio do qual se aponta ou remete para elementos presentes no texto ou que são inferíveis a partir deste.

1.1.1.Movimentos Anafóricos e Catafóricos

Estão dentre desses casos os chamados anáforas indiretas e anáforas associativas, de modo geral.

As anáforas indiretas são caracterizadas pelo fato de não existir no contexto um antecedente explícito, mas sim, um elemento de relação que pode denominar de âncora e que é decisivo para a interpretação. Vão exigir do leitor/ouvinte operações mais sofisticadas de ordem conceitual.

Já as anáforas associativas introduzem um referente novo no texto, por meio da exploração de relações meronímicas, ou seja, todas aquelas em que um dos elementos da relação pode ser considerado, de alguma forma.

As principais estratégias de referenciação textual são, portanto, as seguintes:

Uso de pronomes ou outras formas de valor pronominal é aquela referenciação realizada sempre descrita na literatura lingüística como pronominalização (anafórica ou catafórica) de elementos co-textuais.

Uso de expressões nominais definidas:

As expressões ou descrições nominais definidas formas lingüísticas constituídas minimamente de um determinante definido (artigo definido ou pronome demonstrativo) seguido de um nome, caracterizam-se por operar uma seleção, dentre as diversas propriedades caracterizadoras de um referente.

Nos textos didáticos de língua portuguesa analisados, percebemos que a maneira como a referência - retomada de elementos - é realizada na compreensão do texto.

ILHA DE ITAPARICA

(1) Dona de uma luminosidade fantástica em seus 240 quilômetros quadrados, a ilha de Itaparica elegeu a liberdade como padrão e fez da aventura uma experiência que não tem hora para começar. (2) **Ali** tudo flui espontaneamente, desde que o sol nasce, anunciando mais um dia, até a noite chegar, com o luar refletindo no mar e as luzes de Salvador como pano de fundo. (3) De resto, a **ilha** funciona como um quebra mar que protege todo um interior da Baía de Todos os Santos. (4) É a maior de todas as 54 regiões - a Ilha-mãe, para melhor definir a geografia local. (5) Como toda localidade baiana que se preza. (6) É **nisto** também é singular. (7) **Ela** abriga o único candomblé do mundo sagrado aos Eguns, **nome** atribuído aos espíritos dos mortos. (8) A tradição desse **culto** foi herdada da nação Ketu e tem presença garantida, quatro vezes por ano, em suas **cerimônias** mais importantes, de muitos africanos que vêm especialmente de seus países para o **evento**. (9) Nos **cultos**, não é permitida a entrada de não-iniciados, a não ser com autorização de alguns sacerdotes egos, os únicos dotados de poder para manter os eguns afastados. (10) **Eles** usam varas brancas e compridas, para evitar que algum mal aconteça aos **que** apenas vão assistir aos **rituais**. (11) **Nessas** ocasiões, uma vela deve ser reverenciada por todos antes das cerimônias, colocada no alto do morro das Amoreiras, (...)

(Kátia Simões, Shopping News, Caderno de Turismo, p. 10, 12/03/89).

Observe-se no texto: Todos os elementos nele sublinhados fazem, de alguma forma, remissão a outro elemento do texto. Assim, dona de uma luminosidade fantástica de (1), bem como ali, de (2), remetem a Ilha de Itaparica. O mesmo referente

é retomado em (3) e (5), e pelo SN (sintagma nominal) a ilha é, em (7), pelo pronome ela. Em (4), o sujeito (elíptico) do verbo continua sendo a Ilha de Itaparica, ocorrendo nova elipse em todas as 54 (ilhas) da região. Em (6), nisto remete a parte da enunciação anterior. Em (8), desse culto refere-se a candomblé, de (7) e suas remete a culto e, portanto, a candomblé. Já seus, em (8), remete a africanos. Em (9), nos cultos faz remissão a cada uma das cerimônias do candomblé de que o texto fala. Ele, em (10), remete a sacerdotes egos. Notem-se, em termos de instruções de congruência (concordância em gênero e número), eles poderia remeter tanto a sacerdotes egos como a Eguns: são as predicções feitas sobre a forma referencial eles e sobre cada um dos possíveis referentes que permitem identificar o verdadeiro elemento de referência a que remete essa pro - forma. Nessas ocasiões, em (11), vai remeter ainda aos cultos mencionados em (9), mas de forma mais específica, isto é, ao subconjunto daqueles cultos em que é autorizada a entrada de não-iniciados. Ainda em (11), todos referem-se a cada pessoa que participa do culto, e das cerimônias faz, novamente, remissão aos cultos de que se fala no texto. Todos os elementos acima destacados constituem mecanismos de coesão referencial.

Chamo, pois, de coesão referencial aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outros (5) elementos (5) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual. Ao primeiro, denomino forma referencial ou remissiva e ao segundo, elemento de referência ou referente textual.

A noção de elemento de referência é neste sentido, bastante ampla, podendo ser representado por um nome, um sintagma, um fragmento de oração, uma oração ou um todo enunciado. Recorde-se também, como foi dito no capítulo anterior, que o referente representado por um nome ou sintagma nominal (SN) vai incorporando traços que lhe vão sendo agregados à medida que o texto se desenvolve, ou seja, como diz Blanche-Benveniste (1984), o referente se constrói no desenrolar do texto, modificando-se a cada nova ocorrência do mesmo “nome”. Isto é, o referente é algo que se constrói textualmente.

Além disso, cabe lembrar que, de acordo com Kallmeyer et al (1974), a relação de referência (ou remissão) não se estabelece apenas entre a forma remissiva e o elemento de referência, mas também entre os contextos que envolvem a ambos.

A remissão, como vimos, pode ser feita para trás e para frente, constituindo uma **anáfora** ou uma **catáfora**. Vejam-se os exemplos:

1 – O homenzinho subiu correndo os três lances de escadas.

Lá em cima, **ele** parou diante de uma porta e bateu furiosamente.
(anáfora)

2 – Ele era tão bom, o **meu marido!** (catáfora)

No texto acima, apresenta um início catafórico, já que o referente da expressão “dona de uma luminosidade fantástica” é a **Ilha de Itaparica**, que se lhe segue no texto. Os demais elementos sublinhados são todos anafóricos.

Quase todos os estudos sobre coesão referencial partem do pressuposto de que existe identidade de referência entre a forma remissiva e seu referente textual. Tal identidade, porém, é discutível, conforme se disse anteriormente. É isto que leva Kallmeyer et al. (1974) a propor a “Teoria da Referência Mediatizada” para caracterizar a função mediadora exercida pela forma remissiva quando da remissão a outros elementos lingüísticos do texto. Os autores apresentam, para o pronome pessoal de 3ª pessoa, a ilustração seguinte:

Modelo de realidade “uma mesa ela”

“Objeto”: mesa (instrução de referência – extra textual)

Observem-se, a título de exemplificação, os enunciados em 3,4 e 4:

3. **A gravata do uniforme de Paulo** está velha e surrada. A *minha* é novinha em folha.

4. Ontem fui conhecer **a nova casa de Alice**. *Ela* a comprou com a herança recebida dos pais.

4. Ontem fui conhecer **a nova casa de Alice**. Ela é moderna e bem decorada.

Em 3, não há correferencialidade entre o SN **gravata do uniforme de Paulo** e a forma remissiva a **minha**. A forma remissiva, no caso, “extrai” do grupo

nominal o seu elemento de referência (“repudiando” o restante, no dizer de Halliday & Hasan). Em 4, também, a forma remissiva *ela* extrai, do grupo nominal *a nova casa de Alice*, o elemento de referência **Alice**; já em 4, o elemento extraído é **a casa**.

O mesmo acontece com suas no enunciado 8 do texto 2, que extrai, do SN **a tradição desse culto**, o referente *esse culto*.

O que dizer, então, da “identidade de referência” no caso de formas remissivas como **isto**, **aquilo**, o em enunciados como:

5. A mulher criticava duramente todas as suas decisões. *Isto* o aborrecia profundamente.

E no enunciado 6 do texto 2: “E **nisto** também é singular.”? Outro engano é pensar que há, necessariamente, entre a forma remissiva e o elemento de referência, identidade de categoria e/ou função. Pode ocorrer, por exemplo, que uma **forma adverbial** remeta a um SN com função de **sujeito** ou **objeto**:

6. Perto da estação, havia **uma pequena estalagem**. Lá costumavam reunirem-se os trabalhadores da ferrovia.

Há, também, o caso de formas pronominais que não remetem a nenhum elemento particular do texto; mas ao co-texto (ou parte do co-texto) precedente (ou subsequente) ou, ainda, a algo que precisa ser extraído dele (exemplo 8) como um todo (vejam-se os exemplos 5,7 e 9):

7. No quintal, as crianças brincavam. O prédio vizinho estava em construção. Os carros passavam buzinando. **Tudo isto** tirava-me a concentração.

8. Depois de violenta discussão que tive com Maria, saí para a rua e fiquei vagando algum tempo. Ao voltar, encontrei-a caída no banheiro, com um vidro de pílulas na mão. Eu devia **tê-lo** adivinhado: não era a primeira vez que *isso* acontecia.

9. É preciso considerar *o seguinte*: que, para fazer criar a inflação, não basta congelar preços e salários, mas é preciso diminuir os gastos da administração pública.

Passo agora a fazer um levantamento das principais formas remissivas (ou referenciais) em português, que podem ser de ordem gramatical ou lexical.

As **formas gramaticais** não fornecem ao leitor/ouvinte quaisquer instruções de sentido, mas apenas instruções de conexão (por ex., concordância de gênero e número) e podem ser presas ou livres.

As **formas remissivas gramaticais** presas são as que acompanham um nome, antecedendo-o também ao modificador anteposto ao nome dentro do grupo nominal. Exercem, portanto, a função dos determinantes da gramática estrutural e gerativa. Seriam, em termos de nossas gramáticas tradicionais, *os artigos, os pronomes adjetivos* (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos e relativos) e os *numerais cardinais e ordinais*, quando acompanhados de nomes.

Segundo Kallmeyer et al. Falam em formas *não-referenciais e referenciais*. Contudo o termo referência tem sido usado, em lingüística, com duas acepções distintas: a) na tradição semântica, designado a relação que se estabelece entre uma forma lingüística e o seu referente extralingüístico; b) na trilha de Halliday, significando a relação de sentido (basicamente de co-referência) que se estabelece entre duas formas na superfície textual. No primeiro caso, pode-se falar em formas lingüísticas referenciais ou não-referenciais (dotadas apenas de funções internas à língua); no segundo, como sinônimo de remissivas, seria contraditório falar em formas não-referenciais.

São **formas gramaticais remissivas livres** os pronomes pessoais de 3ª pessoa (ele, ela, eles, elas) e os pronomes substantivos em geral (demonstrativos, possessivos etc.) que têm função pronominal propriamente dita, bem como advérbios pronominais do tipo lá, aí, ali, acima etc.

As **formas remissivas lexicais** seriam, por exemplo, grupos nominais definidos que, além de fornecerem, em grandes números de casos, instruções de concordância, contém, também, instruções de sentido, isto é, fazem referência a algo no mundo extralingüístico. Veja o exemplo:

O avô da criança atropelada encontrava-se em estado lastimável! **O velho** chorava desesperado, sem saber que providência tomar.

Creio que poderiam enquadrar aqui os **sinônimos**, **hiperônimos**, **nomes genéricos** etc., quando fazem remissão a outros referentes textuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados encontrados neste artigo científico podem perceber que as formas pronominais, adverbiais, sinônimas são utilizadas com frequência como estratégias de referenciação. É importante ressaltar que os autores dos livros analisados não expressam em sua proposta/apresentação inicial uma preocupação com o uso ou não das estratégias de referenciação. O que se percebe é que eles escrevem baseando-se numa linguagem acessível para todo tipo de leitor.

A falta de habilidade em detectar, nos textos que lêem, os diversos tipos de relação semânticas e/ou discursivas, e em recorrer, nos próprios textos, às diferenças maneiras de textualizá-las, vai acarretar sérios problemas na produção textual desses sujeitos, problemas que, à primeira vista, podem parecer idiossincráticos e difíceis de explicar, como é o caso da ocorrência aqui discutida.

No entanto, pode-se visualizar que a forma como essas estratégias são utilizadas para facilitar a compreensão e o desenvolvimento do leitor. É inegável que os autores preocupam-se com o vocabulário utilizado, em construir um texto objetivo ao leitor. O que não foi confirmado até agora é se, na construção dos seus textos, a referenciação através dos pronomes seja realizada de forma sistematizada, ou não, embora contribua de forma significativa para uma discussão mais profícua da natureza da relação sujeito/linguagem no âmbito da teoria lingüística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FIORIN, José Luiz & SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto** – Leitura e redação. 16ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça & ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. **A coesão textual**. 20 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

VESENTINI, MARTINS, PÉCORA. **Vivência e construção: História de São Paulo**. Ed.Ática, 2005, vol 1.

VIEIRA, Maria das Graças & FIGUEIREDO, Regina. **Ler, entender, criar**. 2ª ed. São Paulo. Ed Ática, 2007.